

ALERTA

P R I M E A M B I E N T A L

FUNDADOR: ANTÔNIO CARLOS SANTOS NUNES – ANO V – EDIÇÃO 14 – REGIÃO EXTREMO SUL / BAHIA / BRASIL – Especial do Dia Mundial da Árvore / Setembro de 2026



Até quando resistirei?
Proteja-me!



Esalq/USP sedia debate sobre estratégias para ampliar a disponibilidade de água nas Bacias PCJ

Evento reunirá especialistas, gestores públicos, pesquisadores e representantes de instituições para discutir soluções para a segurança hídrica e a gestão dos mananciais da região

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) sediará, no dia 30 de setembro de 2026, o encontro Estratégias Complementares para o Aumento da Disponibilidade de Água nas Bacias PCJ. O evento será realizado das 8h às 18h, no Anfiteatro do Pavilhão da Engenharia, em Piracicaba (SP), reunindo pesquisadores, gestores públicos, técnicos, estudantes e representantes da sociedade civil.

Promovido pelo Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA/USP), o encontro objetiva fornecer subsídios técnicos, científicos e participativos para a revisão e implementação da Política de Mananciais dos Comitês PCJ, no âmbito do Plano de Recursos Hídricos 2020–2035. A proposta é contribuir para o aprimoramento da gestão dos recursos hídricos e da segurança dos mananciais que abastecem a região das Bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ).

A programação será organizada em três painéis temáticos que discutirão o papel da vegetação nativa na conservação dos mananciais, estratégias para ampliar a infiltração de água em áreas rurais e a contribuição do planejamento urbano, do saneamento básico e da infraestrutura verde para a disponibilidade hídrica. As discussões reunirão representantes da USP, da Agência das Bacias PCJ, da CATI, da The Nature Conservancy (TNC), do Instituto Água e Saneamento (IAS), da Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Lo-

gística do Estado de São Paulo (SEMIL), além de especialistas convidados.

O encontro contará ainda com a participação de representantes do Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente (GAEMA), do Ministério Público do Estado de São Paulo, que contribuirão com debates sobre políticas públicas, proteção dos mananciais, regularização ambiental e estratégias para fortalecer a governança hídrica nas Bacias PCJ.

Entre os temas em destaque estão restauração florestal, conservação do solo e da água, pagamento por serviços ambientais, recuperação de áreas de preservação permanente e reserva legal, reúso da

água, redução do consumo hídrico e soluções baseadas na natureza para aumentar a infiltração e a retenção de água nas bacias hidrográficas. O evento também promoverá espaços de diálogo entre universidades, órgãos gestores, Ministério Público e sociedade civil organizada para a construção de propostas voltadas ao enfrentamento dos desafios impostos pelas mudanças climáticas.

O encontro é gratuito e aberto a gestores públicos, técnicos, pesquisadores, docentes, estudantes e demais interessados na gestão dos recursos hídricos e na conservação ambiental.

Estratégias Complementares para o

Aumento da Disponibilidade de Água nas Bacias PCJ

Data: 30 de setembro de 2026

Horário: das 8h às 18h

Local: Anfiteatro do Pavilhão da Engenharia, Esalq/USP – Piracicaba (SP)

Inscrições: gratuitas, pelo site <https://fealq.org.br/eventos/estrategias-complementares-para-o-aumento-da-disponibilidade-de-agua-na-bacia-pcj/>.

Texto: Gracy Kelly do Nascimento, Auxiliar de Administração / Revisão: Caio Albuquerque / Divisão de Comunicação da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”/USP.

ESTRATÉGIAS PARA O AUMENTO DA DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NA BACIA PCJ

Local:
Anfiteatro do Pavilhão de Engenharia
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” - USP
Av. Pádua Dias, 11 CEP 13418-900 Piracicaba - SP

Data:
30/09/2026
8h às 17h
Ordem de inscrição é por ordem de chegada

Carga horária:
8 horas

Inscrições gratuitas pelo link abaixo ou QRCode ao lado:
<https://fealq.org.br/eventos/estrategias-complementares-para-o-aumento-da-disponibilidade-de-agua-na-bacia-pcj/>

Vagas limitadas!

Realização:
ESMP MPSP GAEMA-PCJ Piracicaba GEPURA CENA ESALQ

Apoio:
PCJ Fealq pecege

A árvore amiga: flores, frutos, madeira e clima saudável



POR DR. GILNEY VIANA*

Lembro-me com clareza dos tempos de criança, em meados dos anos 1960, quando minha família morava em Água Fria, antigo distrito de Alcobaça, hoje município de Medeiros Neto, e eu frequentava a escola primária, onde aprendi e alegremente cantava o Hino à Árvore: “Plantemos a nossa árvore, que amiga bondosa ela aqui nos será; um dia ao voltarmos pedindo-lhe abrigo, ou flores, ou

frutos ou sombra dará”.

Lembro-me também do intenso trânsito de carretas que levavam troncos de árvores para a Serraria BRALANDA, situada no morro, à margem direita do rio Itanhém conhecido por Alcobaça. Era época de intensa atividade extrativa, dada a abundância de espécies de grande valor para a indústria madeireira, como peroba e jacarandá. Após a extração da madeira comercial, o desmatamento, a queimada e a conversão da antiga Mata Atlântica, em pastagens para o gado bovino, atividade econômica dominante até hoje.

Flores, frutos, raízes, folhas e certos tipos de troncos, foram fundamentais para a alimentação e proteção corporal, enfim para a reprodução das espécies humanas, durante milênios se partimos da época dos hominídeos e para a reprodução dos animais que nos servem como alimentos, vestimentas, etc; desde os tempos em que vivíamos da coleta e caça, até os tempos atuais, em que nos alimentamos de espécies vegetais e animais domesticadas. Nos tempos modernos, a revolução industrial, baseada em energia fóssil, possibilitou a transformação de minerais e metais em produtos industriais, estradas, residências multifamiliares e grandes concentrações urbanas; e fala-se até em colonizar o pla-

neta Marte que não tem árvores; contudo, não criou fontes alternativas para alimentar os humanos e os animais porque simplesmente apenas os vegetais, são capazes de sintetizar alimentos e acumular energia, a partir de água, sol e gás carbônico existentes na atmosfera.

Voltando à música: a mesma árvore que nos dá flores, frutos e sombras, nos dá a madeira. E madeiras, apenas coletadas, foram durante muitos séculos a única fonte de energia para o aquecimento durante o inverno, para o assado e mais tarde, para o cozimento dos alimentos. Aliás, na mesma época em que eu cantava essa música na escola primária, em minha casa se usava o fogão a lenha, porque a energia elétrica na vila de Água Fria, só era fornecida no intervalo das 18 às 22 horas e, às vezes, era descontinuada. Quando nossos antepassados humanos se multiplicaram e se dispersaram ocupando os mais variados ecossistemas da Terra, a espécie humana sobrevivente da qual fazemos parte, tornou-se sedentária com o domínio da agricultura e passou a usar da madeira para construir abrigos, de mais fácil manejo do que as pedras. Então a madeira foi um elemento fundamental para a sobrevivência e reprodução da espécie humana, como fonte de energia, material para construção

de abrigos, instrumentos de trabalho e estruturação das cidades.

Com o advento da revolução industrial e do sistema capitalista, florestas, terras, rios, minerais, diversidade biológica e oceanos, passaram a ser consideradas mercadorias – explorados sem qualquer controle, na presunção de que seriam inesgotáveis; ou para alguns crédulos poderiam ser contidos pelas próprias forças do mercado. Errado: gerou uma crise ecológica e uma nova onda de desaparecimento de espécies. E, mais recentemente a ciência descobriu que a queima de carvão, petróleo e gás natural que possibilitou a revolução industrial, alterou a composição dos elementos da atmosfera, aumentando a porcentagem do gás carbônico e outros gases que retêm mais calor, elevando as temperaturas médias do planeta e provocando mudanças climáticas, com consequências desastrosas, já percebidas no cotidiano.

Conclusão: temos que substituir as fontes fósseis por fontes renováveis de energia e temos que plantar árvores, na escala de bilhões, porque além de flores, frutos, sombra e madeira, as árvores tornam o clima mais saudável.

**Gilney Viana é Professor Colaborador da Universidade de Brasília.*

Dia da Árvore: Secretaria de Meio Ambiente de Vereda

Cuidando do meio ambiente, protegendo nosso futuro.

A **Secretaria de Meio Ambiente** é um órgão da Administração Direta, do Município de Vereda (BA), responsável por executar as funções de meio ambiente, gestão das áreas de proteção ambiental, unidades de conservação, parques municipais de lazer, arborização de ruas, praças e jardins, fiscalização e licenciamento ambiental, educação ambiental, defesa e proteção animal e no controle de populações, para atingir o equilíbrio ambiental e o convívio mais harmonioso dos municípios com os animais e meio ambiente.



Formas de conhecer uma árvore



POR FERNANDO AUGUSTO DOS SANTOS*

Recebi um convite para um escrever um artigo para o dia da árvore. A princípio hesitei. Me perguntei: Que dia é mesmo o dia da árvore? Alguém sabe? Sabemos qual é o dia da independência, o dia de Natal, mas dia da árvore, assim na ponta da língua, quem sabe? Eu não sei. Faço atenção agora ao receber o convite. E pergunto: Tem alguma importância “o dia da árvore”?



Figueira, ou Gameleira (do gênero *Ficus*), Fotografia digital, arquivo do autor.

Pensei não escrever artigo algum. Estava nessa, até que atinei para o fato de que podia falar de uma árvore, a árvore que estou tentando conhecer esses dias. Afinal, discursos sobre a importância das plantas, sobre o aquecimento global, sobre a poluição e a exploração da natureza virou onda. Todos os que poluem a natureza falam da necessidade de preservar a natureza. A palavra que usam é essa: preservar, ao invés de falar em cuidar, conviver, viver com a natureza

Por isso, achei mais interessante falar da árvore que estou buscando conhecer e, como estou fazendo isso. Trata-se de uma árvore velha, alquebrada que habita a Praça Costa Pereira em Vitória. Eu já havia me aproximado dela há alguns anos atrás com meu filho em um passeio de domingo. Na ocasião, a praça estava vazia e nós subimos em seus galhos. Não foi difícil porque ela é robusta, com raízes aéreas e ramos fortes. Mas chegando em cima descobrimos em dos seus entroncamentos, em forma de concha, um cobertor, chinelos e roupas. Pensei: “alguém utiliza esta árvore como casa”.

Passei a olhar para ela como moradia, como casa de alguém, enquanto perguntava que árvore é essa? Que idade ela tem? Que comunicação ela tem com as outras suas irmãs da praça?

Foi depois de ler alguns livros de botânica, especialmente “O Naturalista” de O. Wilson é que me aproximei mais das plantas e passei a me interessar em saber seus nomes e suas características. Há anos desenhando paisagem eu não conhecia nenhuma planta de convívio meu, além das que todo mundo sabe: coqueiro, bananeira, goiabeira, abacateiro, girassol, ora-pro-nóbis, etc. Falamos das plantas, mas qual delas nos toca, qual cultivamos ou travamos conhecimento? Essas questões são pertinentes todos nós.

Mas falando da árvore que encontrei na praça Costa Pereira. Em rápida pesquisa na internet descobri que se trata de uma Figueira, ou Gameleira (do gênero *Ficus*), muito comum em praças urbanas brasileiras e, serve de apoio para trepadeiras e epífitas (como bromélias e orquídeas). De fato, olhando



Fernando Augusto “Das plantas à paisagem”. Desenho. Técnica: carvão e colagem sobre papel. Dimensões: 200x150cm. 2026.

bem, há outra planta grudada na Gameleira, uma trepadeira de folhas grandes verdes e amareladas. Seu nome popular: Jiboia dourada e o Nome científico: (*Epipremnum aureum*). Quando cultivada dentro de casa, ela mantém folhas pequenas e inteiras, porém, em árvores no meio externo, ela desenvolve folhas grandes com fendas e padrões amarelados. Aí comecei a desenhá-las.

Este foi um dos passos que dei a fim de conhecer estas duas plantas. Desenhei-as por semanas em várias folhas de papel, observando suas nervuras, sentindo sua força e vitalidade. O desenho virou um quadro, mas a descoberta ainda não terminou. Vou continuar a desenhá-las, até não sei quando. Gameleira, me lembra “gamela”, utensílio doméstico que remete à minha infância e à vida campestre no interior do Brasil. Assim, estou me aproximando desta árvore e desenhando novas paisagens.

Como se aproximar de uma árvore? Se importar com ela, conhecê-la? Ouvimos falar, lemos e presenciamos a destruição do meio ambiente, mas pouco ou nada fazemos. A hecatombe ecológica segue em curso e, as consequências se fazem sentir: já não temos água potável, alimentos saudáveis, ar limpo. Ondas de plásticos invadem os oceanos, mercúrio e outros venenos drenam os rios, agrotóxicos drenam a terra. Produzimos e consumimos tudo isso em cifras galopantes. E matamos tudo. O ser humano não aprendeu parar. Parar para cuidar das árvores, das plantas e de si mesmo. É possível que não haja retorno, mas é possível se aproximar de uma árvore, conhecê-la e se engrandecer nessa aventura aparentemente simples.

Para mim o desenho é um caminho, a natureza é o objetivo.

**Fernando Augusto dos Santos é pintor, desenhista e professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo*



Fernando Augusto “Das plantas à paisagem”. Desenho. Técnica: carvão e colagem sobre papel. Dimensões: 200x150cm. 2026. (detalhe).

Semeando o Futuro: A Jornada de Axé Ambientalista na Recomposição das Matas do Extremo Sul Baiano



Teixeira de Freitas — Enquanto as estatísticas de desmatamento avançam em diversas regiões do país, um trabalho silencioso, autônomo e de profunda dedicação ganha força no extremo sul da Bahia. Conhecido popularmente como Axé Ambientalista, Jesus Jardiel transforma o cotidiano da região em uma missão contínua de reflorestamento, conservação de nascentes e educação ambiental comunitária.

Carregando o lema “*Eu cuido, eu respeito, e você?*”, Jardiel personifica a união entre a sabedoria prática do conhecimento tradicional e a urgência da preservação ecológica.

O Banco Viva de Sementes e a Tática da “Semeadura em Movimento”

A metodologia de Jardiel é simples na forma, mas estratégica no impacto. Ele atua na coleta manual de sementes nativas diretamente na floresta, identificando espécies com a precisão de quem conhece a fundo a dinâmica da flora local.

“*Qualquer pessoa colhe uma semente, mas saber qual é cada espécie exige conhecimento. É um trabalho que faço por inteiro. Enquanto uns cortam as matas, a gente tá lá plantando e recuperando*”, relata o ambientalista.

Além de cultivar mudas para germi-

nação, Jardiel utiliza uma tática singular para alcançar áreas degradadas e de difícil acesso: durante suas viagens de ônibus ou de moto, carrega consigo sementes selecionadas e as lança pelas janelas em encostas, valas e terrenos erodidos ao longo das estradas. A prática busca acelerar a regeneração natural em locais onde a intervenção humana tradicional não chega.

Impacto Direto nas Bacias Hidrográficas e APPs

O trabalho de restauração promovido por Axé Ambientalista concentra-se em Áreas de Preservação Permanente (APPs) e matas ciliares — ecossistemas vitais para a proteção dos cursos d’água e a manutenção dos lençóis freáticos.

Entre as localidades diretamente beneficiadas por suas ações de reflorestamento e dispersão de sementes destacam-se:

Funil;
Olaria;
Piatã;
Prainha;
Córrego da Charqueada.

Entorno de Teixeira de Freitas e regiões vizinhas



A recuperação da cobertura vegetal nessas áreas evita a erosão do solo, combate o assoreamento dos rios e garante a sustentabilidade dos recursos hídricos locais.

Conexão Espiritual e Poética com a Natureza

Para além da vertente técnica e prática, o trabalho de Jardiel traz uma forte dimensão filosófica e poética. O ambientalista enxerga no ato de abraçar uma árvore um gesto simbólico de renovação e proteção. Registros de suas ações em campo destacam a árvore como promotora do equilíbrio da vida, da água e da fauna.

A relação de Jardiel com os ipês é um dos pontos marcantes de sua trajetória.

Para ele, os ipês simbolizam a resistência e a essência da flora brasileira:

Ipê-Rosa: Força e resistência;

Ipê-Branco: Força e resiliência;

Ipê-Roxo: Força e acolhimento;

Ipê-Amarelo: Força e vitalidade.

Essa visão alinha-se ao saber de ativistas e lideranças como Chico Mendes, Marina Silva, Alice Pataxó, Pé José Koomans e Samela Sateré-Mawé, celebrando a árvore — o ‘i-pé’ dos povos originários — como elemento sagrado e fundamental para o bem-estar do planeta.

Uma Ação Coletiva pelo Bem Comum

Sem visar retornos financeiros ou buscar reconhecimento formal, Axé Ambientalista reforça que a responsabilidade socioambiental é um dever compartilhado.

“*Acho que o que eu penso é em mim, em você, em nós e no meio ambiente. Se eu ganho alguma coisa, tudo bem; se não ganho, não vou deixar de plantar. É uma pequena coisa que cada um faz para termos equilíbrio no nosso meio ambiente*”, conclui Jardiel.

O exemplo de Jesus Jardiel em Teixeira de Freitas demonstra como iniciativas individuais movidas por propósito e conhecimento prático podem gerar impactos duradouros na conservação do meio ambiente e na garantia do futuro das próximas gerações. **Da Redação Jornal Alerta / Colaborou a estagiária Nina Nathaly Nunes Guerra. Fotos cedidas por Jesus Jardiel**



O Dia Brasileiro da Árvore



POR ROGÉRIO AUGUSTO SILVA PINTO*

O Dia da Árvore é comemorado no Brasil no dia 21 de setembro de cada ano. Esta data celebrativa tem o objetivo de conscientizar a população sobre a preservação ambiental, tomando a árvore como símbolo essencial da vida, junto com a água e o oxigênio - componentes indispensáveis para a existência do grande organismo que é o planeta Terra.

De acordo com a história brasileira, o naturalista sueco Alberto Löfgren criou a primeira Festa das Árvores em 7 de junho de 1902, na cidade de Araras, interior do estado de São Paulo, correspondendo assim à data inicial comemorativa do Dia da Árvore. A celebra-

ção foi inspirada no *Arbor Day*, já existente nos Estados Unidos da América. Registra-se que, naquele dia, uma multidão se reuniu em um mutirão onde cerca de 600 crianças plantaram, simbolicamente, 242 mudas de árvores de espécies como carvalho, peroba e palmeira-centenária, entre tantas outras pertencentes à flora brasileira.

Posteriormente, o Dia da Árvore foi instituído oficialmente através do Decreto Federal nº 55.745, de 24 de fevereiro de 1965. Naquela ocasião, determinou-se que a comemoração ocorreria na última semana de março nas regiões Norte e Nordeste, e no dia 21 de setembro nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Atualmente, a data foi unificada em todo o território nacional, de modo que o Dia da Árvore é celebrado em 21 de setembro em todas as regiões.

Botanicamente, a árvore é um ser vivo vegetal perene que possui um caule principal lenhoso e ereto, denominado tronco, o qual se ramifica a uma certa altura do solo, gerando galhos e folhas que, conjuntamente, formam a sua copa. Elas podem atingir dezenas ou até centenas de metros de altura. O hábito arbóreo evoluiu de múltiplas formas independentes e diversificou-se em vários grupos vegetais diferentes ao longo da história da Terra. Atualmente, a maior parte das espécies pertence às angiospermas (plantas com flores e frutos) e às gimnospermas (como os pinheiros e as coníferas), mas, consoante uma definição mais extensiva, o termo também abrange as palmeiras e as samambaias arbóreas.



As árvores, sinônimos de tenacidade, adaptação, metamorfose e resistência, surgiram na Era Paleozoica, no Período Devoniano Médio, há cerca de 385 a 390 milhões de anos. Foi nesse momento que aconteceu a formação das primeiras florestas do mundo. Antes desse período, a vegetação terrestre era composta por plantas minúsculas e rasteiras (dos gêneros *Calamophyton* e *Wattieza*), ambas restritas a ambientes extremamente úmidos e solos higromórficos, imensamente encharcados.

No Período Devoniano Tardio (há cerca de 370 milhões de anos), surgiu a *Archaeopteris*, considerada a primeira árvore moderna a apresentar similaridades com as da nossa contemporaneidade. Foi esse gênero que deu origem às primeiras florestas densas do planeta. Já no Período Carbonífero (há cerca de 359 a 299 milhões de anos), ocorreu o apogeu dessa evolução, com uma explosão multiplicativa de florestas povoadas por árvores gigantesas de até 30 metros de altura, que cobriram a Terra.

O surgimento das árvores mudou radicalmente o clima do planeta, que antes era um mundo ambientalmente inóspito e inabitável para milhões de espécies de seres vivos, inclusive para os seres humanos. Naquela época pioneira, além de o nível de oxigênio ser inferior a 6%, a atmosfera não contava com a proteção da camada de ozônio. Nesse cenário antigo, há

mais de 2 bilhões de anos, surgiram as cianobactérias, os primeiros seres fotossintetizantes capazes de produzir energia e liberar oxigênio através da água e da luz solar. Na sequência da evolução físico-orgânica do planeta, seguiu-se o surgimento dos musgos, dos fungos e dos líquens. Esses seres vivos transformaram a paisagem terrestre, literalmente convertendo a escuridão em luz, ou melhor, transformando a paisagem cinzenta do planeta em um manto multicolorido de verdes — sinônimo de vida e símbolo de esperança.

Estima-se que, atualmente, a biomassa vegetal planetária esteja entre 450 e 550 bilhões de toneladas métricas. Uma parte desse material, contudo, ainda é mal aproveitada e perdida em desperdícios, desastres ou destruições intencionais provocadas por ações nefastas — tanto pelos ricos que promovem guerras, quanto por parte da população que destrói os bens naturais através do fogo e de máquinas, transformando a natureza vegetal em cinzas e convertendo rios, riachos e fontes de águas límpidas em campos desertificados.

Da forma como caminha a humanidade, dispoticamente, é difícil e amargo pensar em um mundo sem árvores — a árvore como símbolo da vida e da esperança, elemento de adorno do paraíso de Adão e Eva, agora suplantada por árvores de plástico, de metal, de vidro, de





louça e de cristal. Dá muita dor lembrar das nossas árvores centenárias, muitas das quais hoje são espécies quase extintas, como o pau-brasil, o jacarandá e o jequitibá, que até pouco tempo atrás estavam entre nós nas paisagens naturais originárias do extremo sul da Bahia e de outros biomas brasileiros, como a Mata

Atlântica.

Ainda bem que, no lado oposto a essa destruição, existem pessoas comprometidas com o meio ambiente e com a agroecologia: os movimentos sociais daqueles que, vistos por alguns como “loucos” ou fanáticos amantes da natureza, teimam em discutir a produção agroecoló-

gica e em plantar muitas árvores - a exemplo da Via Campesina, do MST e de outros coletivos ambientalmente inclusivos.

Falar do Dia da Árvore é pensar no futuro, na educação socioambiental dos adultos e, principalmente, das crianças. É fundamental que se compreenda a imprescindível importância da árvore para o equilíbrio dos diversos ecossistemas nacionais e mundiais. Ela é primordial para a qualidade de vida, para o saneamento ambiental e para o reflorestamento do campo e de cidades sustentáveis — com seus jardins, praças, quintais, avenidas e ruas plantadas.

Que cada espaço terrestre ainda disponível seja democraticamente ocupado para que se realize a promessa humana e divina de produzir frutos, gerando abundância para saciar a fome de todas as pessoas, permitindo que elas também se deliciem com o leite, o mel e a clorofila, ingredientes indispensáveis à utópica felicidade do Paraíso Terrestre.

*Rogério Augusto Silva Pinto é técnico em agropecuária/EMARC-Ur /Cursou Pedagogia UNEB/TX FREITAS / Pós-graduação Desenvolvimento Territorial UFBA/Mestrado Geografia UNESP/ UNESCO / Cursando 8º (oitavo) semestre Direito FASB – Teixeira de Freitas / Profissional: CODEVASF – Guanambi / CEPLAC / Extensão e EMARC / Professor / Assessor Programa Fome Zero / Governo Federal e Diretor de Projetos CONDESC - Consórcio Desenvolvimento Territorial da Costa do Descobrimento.



Dia da Árvore: Como a madeira engenheirada conecta florestas e cidades rumo à descarbonização



ANA BELIZÁRIO DIRETORA DA URBEN.
FOTO: DIVULGAÇÃO.

No Dia da Árvore, celebrado em 21 de setembro, é comum que a discussão sobre a conservação se concentre na necessidade de proteger as florestas e ampliar a cobertura vegetal. No entanto, diante da urgência climática e da necessidade de transformar a economia, existe outra dimensão dessa conversa que merece atenção: como utilizar os recursos da floresta de maneira responsável, mantendo sua capacidade de regeneração e, ao mesmo tempo, contribuir para uma economia de baixo carbono?

Essa questão ganha relevância quando chega ao setor da construção civil. Edifícios, pontes, galpões e outras estruturas demandam grandes volumes de materiais e energia ao longo de seus ciclos de vida. Por isso, repensar os insumos utilizados

nas obras tornou-se parte importante da agenda de descarbonização.

É nesse ponto que a madeira engenheirada estabelece uma conexão entre floresta e cidade. Produzido a partir de madeira proveniente de florestas plantadas e manejadas de forma responsável, o material transforma um recurso renovável em componentes estruturais capazes de atender a projetos de diferentes escalas. A discussão, portanto, não começa no canteiro de obras, mas sim nas florestas.

Quando manejadas de forma responsável, as florestas plantadas podem desempenhar um papel importante em uma economia de baixo carbono. Durante o crescimento, as árvores retiram dióxido de carbono da atmosfera e armazenam carbono na biomassa. Ao mesmo tempo, áreas destinadas à produção florestal podem integrar paisagens produtivas planejadas, com ciclos de plantio, crescimento e colheita.

Isso não significa equiparar florestas plantadas a ecossistemas naturais. São funções distintas e a conservação das florestas nativas permanece indispensável. A questão é reconhecer que a produção florestal responsável pode fazer parte de uma estratégia mais ampla de uso eficiente da terra, desde que respeite a legislação, critérios ambientais e boas práticas de manejo.

A origem da matéria-prima é, portanto, um dos pontos fundamentais quando se fala em madeira para construção. Certificações florestais, rastre-

abilidade e manejo responsável ajudam a estabelecer critérios para que o recurso renovável chegue à indústria dentro de uma cadeia produtiva controlada.

Nesse modelo, a árvore não é vista apenas como matéria-prima, mas como parte de um ciclo. O carbono capturado durante o crescimento permanece armazenado na madeira utilizada em produtos de longa duração, enquanto novas árvores podem ser plantadas para dar continuidade à produção.

A madeira engenheirada representa uma evolução importante na capacidade de utilizar esse recurso em aplicações estruturais. Diferentemente da madeira convencional utilizada diretamente em determinados produtos, os sistemas engenheirados combinam peças e lâminas por meio de processos industriais que permitem obter elementos com características estruturais específicas.

Entre as tecnologias mais conhecidas estão o CLT (Cross Laminated Timber), formado por camadas de madeira dispostas em sentidos alternados, e o glulam, produzido pela união de lâminas de madeira coladas. Esses sistemas ampliam as possibilidades de aplicação da madeira em projetos de maior porte e permitem maior precisão na fabricação dos componentes.

A industrialização também modifica a dinâmica do canteiro. Parte dos elementos pode ser produzida previamente em ambiente controlado e che-

gar à obra pronta para montagem. Isso pode contribuir para maior previsibilidade, redução de desperdícios e racionalização do processo construtivo.

O impacto ambiental, entretanto, precisa ser analisado de maneira abrangente. Não basta comparar materiais apenas pelo peso ou pela quantidade de energia utilizada durante a fabricação. É necessário considerar a origem da matéria-prima, os processos industriais, transporte, vida útil, manutenção e possibilidades de reutilização ou destinação ao final da vida da edificação.

É justamente essa perspectiva de ciclo de vida que coloca a madeira engenheirada no debate sobre construção de baixo carbono. As árvores absorvem carbono durante seu crescimento e, quando a madeira é transformada em produtos de longa duração, parte desse carbono permanece armazenada enquanto o material estiver em uso.

Essa relação cria uma conexão particular entre floresta e construção. Um edifício de madeira não representa apenas o resultado de um processo industrial, pois incorpora parte do carbono capturado pelas árvores que deram origem aos seus componentes.

É uma lógica que exige responsabilidade. O benefício climático não está simplesmente no fato de um produto ser feito de madeira, pois depende de uma cadeia que começa no manejo florestal e segue pela transformação industrial, logística, projeto, constru-



ção, manutenção e destinação final.

É por isso que falar em madeira engenheirada também significa falar em rastreabilidade, eficiência produtiva e planejamento. Quanto mais transparente for a cadeia, maior a capacidade de avaliar seus impactos e seus benefícios.

A expansão dessas soluções também provoca uma reflexão sobre o próprio conceito de desenvolvimento.

Durante décadas, o crescimento urbano esteve associado a um modelo construtivo baseado em materiais de alta intensidade energética e em processos pouco industrializados. A transição para uma economia de baixo carbono exige repensar esse modelo e considerar o ciclo completo da construção: de onde vem o recurso, quanto é utilizado, quanto é desperdiçado, quanto tempo a estrutura permanece

em uso e o que acontece com seus componentes depois.

Nesse contexto, a madeira engenheirada aproxima duas agendas que muitas vezes são tratadas separadamente: a conservação ambiental e o desenvolvimento econômico. De um lado, existe a necessidade de proteger florestas nativas, preservar a biodiversidade e combater o desmatamento. De outro, há uma demanda crescente

por materiais renováveis e soluções construtivas com menor impacto climático.

Florestas plantadas manejadas de forma responsável podem ocupar parte desse espaço, fornecendo matéria-prima renovável para uma indústria que busca reduzir sua pegada ambiental, sem confundir produção florestal com conservação de ecossistemas naturais. A relação entre as duas frentes depende de planejamento territorial, critérios ambientais, rastreabilidade e uma visão de longo prazo sobre o uso dos recursos naturais.

No setor da construção, essa mudança de perspectiva faz com que a madeira deixe de ser vista apenas como um material tradicional e passe a ocupar espaço em uma discussão mais ampla sobre como as cidades podem ser construídas. A árvore que cresce em uma floresta plantada pode, décadas depois, estar presente em uma estrutura urbana, mantendo parte do carbono capturado durante seu crescimento e dando materialidade a uma cadeia que conecta produção, indústria e infraestrutura.

**Ana Belizário é diretora da Urbem, indústria brasileira de madeira engenheirada de larga escala, que atua no setor da construção civil, focada em oferecer produtos e serviços inovadores e sustentáveis.*



Publicação PJ:

A Unimed Extremo Sul, CNPJ 42.043.067/0001-53, com sede em Teixeira de Freitas/BA, em cumprimento à Súmula Normativa nº 28 da ANS, solicita pela última vez à empresa identificados abaixo, pelo CNPJ e código de registro na operadora, que entrem em contato através do telefone (73) 3263-8000 ou presencialmente, até o dia **05/10/2026**, para regularização do débito pendente do seu plano de saúde; findando este prazo, o contrato de plano de saúde será cancelado, sem possibilidade de reativação.

CONTRATO	CNPJ
1949	12.912.156/0001-XX



Publicação PF:

A Unimed Extremo Sul, CNPJ 42.043.067/0001-53, com sede em Teixeira de Freitas/BA, em cumprimento à Súmula Normativa nº 28 da ANS, solicita pela última vez aos beneficiários identificados abaixo, pelo CPF e código da carteirinha na operadora, que entrem em contato através do telefone (73) 3263-8000 ou presencialmente, até o dia **05/10/2026**, para regularização do débito pendente do seu plano de saúde; findando este prazo, o contrato de plano de saúde será cancelado, sem possibilidade de reativação.

0224.0015.002951-00	039.344.936-XX
0224.0015.001929-00	170.205.117-XX
0224.0015.002094-00	167.019.426-XX
0224.0015.002854-00	029.827.445-XX
0224.0015.003710-00	135.393.275-XX

42ª Exposição de Teixeira de Freitas: Usina Santa Maria Consolida Protagonismo e Impulsiona o Agronegócio no Extremo Sul Baiano



Teixeira de Freitas – Consolidada como a maior vitrine do agronegócio e do comércio do Extremo Sul da Bahia, a 42ª Exposição Agropecuária de Teixeira de Freitas reafirma sua força como motor de desenvolvimento econômico e inovação para toda a região. Entre os grandes destaques e parceiros históricos do evento, a Usina Santa Maria, sediada no município vizinho de Medeiros Neto (BA), marca presença ressaltando o crescimento robusto do setor sucroenergético e seu papel na transformação socioeconômica regional.

Expansão e Capacidade Produtiva Histórica

Com uma trajetória de investimentos contínuos, a Usina Santa Maria vive um de seus momentos mais expressivos. Nos últimos cinco anos, a companhia injetou mais de R\$ 350 milhões em melhorias no campo e na modernização industrial. Esse aporte financeiro já apresenta resultados consolidados: a moagem da usina saltou de 1,7 milhão de toneladas de cana-de-açúcar para impressionantes 2,47 milhões de toneladas na última sa-

fra.

Para o ciclo de colheita atual (2026/2027), a estimativa é atingir a marca de 2,6 milhões de toneladas, caminhando a passos largos rumo à meta estratégica de processar 3 milhões de toneladas anuais nos próximos anos. Além da consolidação na produção de etanol e adubo orgânico, a usina vem expandindo sua atuação com projetos voltados à produção de açúcar e opera com autossuficiência energética total, graças à implementação de sua própria Unidade Termelétrica (UTE) com capacidade instalada de 70 MW.

Presença Marcante na Exposição

A participação frequente da Usina Santa Maria na Exposição de Teixeira de Freitas reflete o compromisso da empresa em estreitar laços com a comunidade, fornecedores e parceiros estratégicos. O estande institucional da usina no evento funciona como um termômetro da evolução tecnológica e das práticas sustentáveis do setor, servindo de palco para rodadas de negócios, fomento

a programas de desenvolvimento regional (PDR) e demonstração de projetos de educação ambiental que envolvem diretamente os jovens locais.

Transformação Regional: Do Pasto ao Setor Sucroenergético

A história do Extremo Sul baiano confunde-se com a atuação da usina na região de Medeiros Neto. Antes fortemente dependente da pecuária extensiva, a economia regional passou por uma profunda metamorfose com a introdução e expansão da cultura da cana-de-açúcar.

Essa diversificação agrícola gerou milhares de empregos diretos e indiretos, impulsionou o comércio de cidades vizinhas — incluindo Teixeira de Freitas — e inseriu a Bahia no mapa dos grandes produtores nacionais de biocombustíveis. A presença da Usina Santa Maria na 42ª Exposição Agropecuária celebra não apenas os recordes de produção industrial, mas também o impacto humano, social e sustentável de um setor que gera energia e distribui desenvolvimento por onde passa.



Quem vive do destino também precisa cuidar dele: turismo amplia papel na preservação do patrimônio natural do Nordeste

De recifes de corais à proteção da fauna marinha, iniciativas apoiadas pelo Grupo Luck mostram como empresas e viajantes podem participar da conservação dos lugares que sustentam a atividade turística



Todos os anos, milhões de viajantes chegam ao Nordeste atraídos por piscinas naturais, recifes de corais, praias, ilhas e pela biodiversidade que faz da região um dos principais destinos turísticos do Brasil. Mas, à medida que cresce o interesse por conhecer esses lugares, cresce também uma questão para quem vive do turismo: como garantir que os patrimônios naturais que atraem visitantes hoje continuem preservados para as próximas gerações?

Para o Grupo Luck, que completa 66 anos de atuação no turismo em 2026, essa discussão passa pelo reconhecimento de que a conservação dos destinos não pode estar dissociada da própria atividade turística. Afinal, praias, mares, fauna e ecossistemas preservados não são apenas cenários de uma viagem: são parte da experiência que movimenta toda uma cadeia econômica e social no Nordeste.

Essa visão vem se materializando em diferentes iniciativas ambientais apoiadas pela companhia. Em 2025, o Grupo Luck conta-

bilizou sete ações de conservação ambiental e conscientização ecológica, relacionadas à preservação da biodiversidade, educação ambiental e promoção do turismo sustentável.

“Quando uma empresa trabalha diretamente com destinos, existe uma responsabilidade que vai além de levar o visitante para conhecê-los. Precisamos contribuir para que esses lugares continuem preservados e para que o próprio turista compreenda o papel que também pode exercer nessa jornada. Cuidar dos destinos é cuidar das comunidades, das experiências e do futuro do turismo”, afirma Gustavo Luck, CEO do Grupo Luck.

Turistas que ajudam a cuidar dos corais

Em Pernambuco, uma das iniciativas ajuda a demonstrar como o visitante pode deixar de ser apenas espectador e participar da conservação do lugar que escolheu conhecer.

Por meio da parceria com a Biofábrica de Corais, a Luck participa do Programa de Adoção de Corais, aproximando turistas de um trabalho dedicado à recuperação e con-

servação dos ambientes recifais. Segundo o Relatório ESG do Grupo Luck, 1.360 corais foram adotados com apoio da empresa e de seus turistas. A dimensão do projeto vai além: a Biofábrica já contabiliza mais de 16 mil corais cultivados, mais de 1 milhão de pessoas impactadas e 8,5 mil estudantes engajados em suas ações.

A iniciativa cria uma relação diferente entre turismo e conservação. O mesmo ambiente marinho que motiva a viagem e proporciona algumas das experiências mais procuradas no litoral pernambucano passa a ser também objeto de cuidado e conscientização.

“Existe uma força muito grande quando conseguimos aproximar o viajante da conservação. Ele deixa de enxergar aquele ambiente apenas como um cenário bonito para entender que existe um ecossistema vivo, que precisa ser protegido. Essa conscientização também faz parte da experiência turística que queremos estimular”, acrescenta Gustavo.

Cada destino exige um tipo de cuidado

Em Fernando de Noronha a biodiversidade marinha ocupa novamente o centro das iniciativas. Na ilha, a Luck apoia o Projeto Tamar, o Projeto Golfinho Rotador e o ICM-Bio, disponibilizando cortesias em transfers e passeios como forma de contribuir com a atuação das instituições ligadas à conservação e ao monitoramento ambiental.

Em Maceió, o trabalho assume outras características. Entre as iniciativas registradas estão campanhas de conscientização com turistas sobre descarte correto de resíduos e preservação ambiental, ações realizadas com catadores da Vila Emater e parceria com a Copvila.

Os exemplos mostram que não existe uma única fórmula para incorporar a sustentabilidade à atividade turística. As necessidades mudam de acordo com o território e podem envolver desde biodiversidade e conservação marinha a educação ambiental, resíduos e fortalecimento de iniciativas locais. **Por Yasmim Dicastro da Pressmanagemmail.**



Seu negócio pode ir mais longe!

Visite o stand do Sebrae na EXPO TEIXEIRA

Tenha acesso a um diagnóstico do seu negócio, converse com especialistas e receba orientações para identificar novas oportunidades.

